

PRN rejeita apoio da FIESP para evitar confronto ideológico

por Cláudio Kuck
de Brasília

A assessoria da campanha de Fernando Collor de Mello rejeitou ontem o apoio do Fórum dos Empresários e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), formulado numa reunião na segunda-feira em São Paulo.

O candidato não quer um confronto no segundo turno com Luiz Inácio Lula da Silva baseado no capital contra o trabalho, da direita com a esquerda e de ricos e pobres.

"O apoio da FIESP não tem nenhuma importância eleitoral ou política e ela é uma corporação que poderia levar o PRN ao corporativismo, enquanto nosso compromisso é com o povo", repetia o deputado Renan Calheiros, coordenador político da campanha. Ele ressaltou que o apoio de empresários individualmente é bem-vindo, "mas Collor não vai vestir nenhuma carapuça, afinal os votos dele vieram principalmente dos pobres das classes C, D e E, enquanto a classe A ficou com Paulo Maluf, Afif Domingos e Mário Covas".

Já o apoio oficial da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) prometido pelo seu presidente, Antônio Rogério Magri, foi bem aceito, principalmente porque poderá dar ao PRN a militância que lhe falta e sobra no PT. A ideia é de que os sindicalistas da CGT poderiam dar mais tranquilidade aos comícios, sem a necessidade de contratar tantas seguranças.

A preocupação básica continua sendo conseguir os votos brizolistas e, para isso, Fernando Collor irá a Porto Alegre na sexta-feira, devendo estar também em São Leopoldo, on-

de está enterrado Lindolfo Collor, gaúcho e avô do candidato. "Será uma visita sentimental", esclareceu o assessor de imprensa, Claudio Humberto Rosa e Silva.

As análises do PRN detectaram que, no Rio Grande, o voto não foi em Brizola mas no fenômeno que chamam "gauchismo", com certa dose de preconceito contra os nordestinos como Lula. Já está acertado também encontro, sexta-feira em Porto Alegre, de Collor com o ex-deputado Nelson Marchezan.

A operação Rio Grande do Sul continua na próxima terça-feira, quando Collor estará lá novamente por três dias, iniciando seus comícios do segundo turno por Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e São Leopoldo. Esta "visita senti-

mental" de depois de amanhã já servirá de preparação, tentando criar um clima mais propício para os comícios.

Claudio Humberto voltou a garantir ontem que Collor participará agora de debates com Lula, de preferência em cadeias de televisão e com regras claras. Renan Calheiros continua em contatos com parlamentares, já pensando no apoio do Congresso ao futuro governo, "pois sem o Congresso não poderemos governar e temos pouco mais de 20 deputados. É evidente que não queremos jogar o País numa aventura, por isso já estamos preocupados com a governabilidade com Collor na Presidência".

Renan rechaçou o apoio de amigos do presidente Sarney que teriam sido liberados para votar no PRN

pelo Planalto. "Nós não vamos nos juntar com a canaleta do Sarney", reagiu indignado o deputado. Também atacou o ministro Roberto Cardoso Alves, "pois o cinismo deste cidadão é inimaginável, já se ofereceu a Collor dez vezes e dez vezes foi rejeitado e insiste só para prejudicar a candidatura".

No Rio, a tentativa de aproximação com o PDT continua, principalmente em direção ao prefeito de Nova Iguaçu, Aluizio Gama, enquanto outro assessor da campanha, Juca Colagrossi, garantia que o novo coordenador no Rio, deputado estadual alagoano amigo de Collor, Cleto Falcão, "vai conversar com os pedetistas e não com os brizolistas, pois são coisas diferentes". Terá ajuda na missão do prefeito de Caxias, Hideckel de Freitas.